

Jornal na Escola: Caminhos Metodológicos para Atuação frente aos Efeitos do Isolamento Social

Newspaper at school: Methodological Pathways to Act on the Effects of Social Isolation

Autores:

Alexandre Xavier Lima. Doutor e professor. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Email: alexandrexl@gmail.com

Angélica de Oliveira Castilho Pereira. Doutora e professora. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Email: aocastilho@gmail.com

Karine da Silva Costa André. Mestranda. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Email: karine0127@gmail.com

Recebido em: 29/07/2021 **Aprovado em:** 30/09/2022

DOI: 10.12957/interag.202261361

Artigo

Resumo

O projeto de extensão Jornal na Escola desenvolve o jornal escolar *Nossa Voz* como forma de promover a atuação de crianças e jovens no espaço escolar em diálogo com a comunidade externa à medida que seus participantes são incentivados a realizar leitura crítica e produzir textos jornalísticos, compartilhando interesses, saberes e opiniões. Assim, para além do tradicional espaço da sala de aula, os estudantes podem se inserir em atividades que conduzem a práticas discursivas em que seus textos cumprem objetivos sociodiscursivos. Essa perspectiva reflete a compreensão do conceito de gênero discursivo apresentado por Bakhtin (2016) e desenvolvido por Marcuschi (2007, 2008 e 2010), como sendo uma ação discursiva para atuar no mundo, condizente a uma concepção de língua pautada na interação, como propõe Geraldi (2012). Dentre as demandas da ação

Abstract

The Jornal na Escola extension project develops the *Nossa Voz* school newspaper as a way to promote the performance of children and young people in the school space in dialogue with the external community as its participants are encouraged to perform critical reading and produce journalistic texts, sharing interests, knowledge and opinions. Thus, in addition to the traditional space of the classroom, students can engage in activities that lead to discursive practices in which their texts fulfill socio-discursive objectives. This perspective reflects the understanding of the concept of discursive genre presented by Bakhtin (2016) and developed by Marcuschi (2007, 2008 and 2010), as being a discursive action to act in the world, consistent with a conception of language based on interaction, as proposed by Geraldi (2012). Among the demands of extension action, the context of social

extensionista, o contexto de isolamento social deflagrou uma abrupta inserção de docentes e discentes nas mídias sociais, o que conduziu o projeto à reorientação metodológica a fim de integrar a comunidade virtualmente, servindo de apoio e espaço de reflexão sobre vários temas oriundos das vivências desse contexto recente; desenvolver estratégias de letramento digital, reconhecendo em cada mídia seus recursos e suas intenções comunicativas; e construir práticas pedagógicas em torno do jornal, um mosaico de gêneros construído a partir da interação com seu público em situações do cotidiano.

isolation triggered an abrupt insertion of teachers and students in social media, which led the project to methodological reorientation in order to integrate the community virtually, serving as support and space for reflection on various topics. from the experiences of this recent context; develop digital literacy strategies, recognizing in each medium its resources and communicative intentions; and to build pedagogical practices around the newspaper, a mosaic of genres constructed from the interaction with its audience in everyday situations.

Palavras-chave: Jornal Escolar; Gêneros Jornalísticos; Letramento Digital.

Keywords: School Newspaper; Journalistic Genres; Digital Literacy.

Área Temática: Linguística, Letras e Arte

Linha Temática: Alfabetização, leitura e escrita

Introdução

Pretende-se apresentar o desenvolvimento metodológico das ações do Projeto Jornal na Escola como forma de combate a alguns efeitos da COVID-19 no cotidiano escolar. Esse projeto é o resultado da interação entre alguns alunos e professores de Língua Portuguesa do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP-Uerj. De um lado, alunos recém-chegados ao segundo segmento do Ensino Fundamental, promovidos do primeiro segmento da própria unidade escolar ou ingressantes por meio de concurso público, interessados em se integrar à nova realidade discente. Do outro, professores interessados em compartilhar experiências com textos jornalísticos, como possibilidade de letramento e de participação social. Reconhecendo o uso da linguagem como possibilidade de promoção de habilidades e valores importantes para a participação na sociedade, o projeto encontrou na elaboração de jornal escolar a sua principal estratégia.

Sob o título *Nossa Voz* (nome escolhido por alunos, participantes do projeto), desde o início, o jornal procurou ser a voz da comunidade escolar, sobretudo, dos alunos que viam no texto a possibilidade de compartilhar suas ideias, suas preocupações e seus interesses. Assim, semanalmente alunos e professores se reuniam nas dependências do CAP-Uerj para produzir um jornal que atendesse às necessidades da comunidade escolar. Os encontros organizados em forma de oficinas favoreciam a prática de leitura, seja para o reconhecimento dos gêneros jornalísticos e seus recursos, seja para promover a reflexão

crítica sobre os assuntos discutidos pela sociedade. Intercaladamente, as oficinas práticas procuravam reproduzir um expediente jornalístico, com discussão democrática sobre a pauta de cada jornal, divisão de tarefas, respeitando as habilidades e etapas de formação de cada participante, trabalho de campo (entrevistas, pesquisas), redação dos textos, revisão, editoração, publicação e divulgação mensal do jornal, inicialmente, impresso.

Vale dizer que o jornal *Nossa Voz* não foi o primeiro periódico escolar do CAP-Uerj. Há documentos no Centro de Memória dessa instituição que registram outras iniciativas ocorridas anteriormente. O que se reconhece como original é o fato de ser uma iniciativa formalizada como projeto de extensão. Se antes os jornais duravam apenas o tempo de uma geração de alunos, com a iniciativa do projeto extensionista, existe a possibilidade de a prática jornalística estudantil se estender entre as gerações de alunos*. Dessa forma, de tempo em tempo, o grupo de participantes se renova, ou se amplia, fazendo com que os membros mais antigos compartilhem suas experiências e reconheçam novos desafios de um jornal escolar.

Um desafio que se impôs foi a necessidade de repensar as práticas pedagógicas diante do isolamento social em decorrência da pandemia causada pela COVID-19. Em termos metodológicos, colocava em xeque a organização em oficinas presenciais em que se acompanhava *in loco* cada etapa de produção do texto. Nesse contexto, a opção escolhida pelos membros do projeto foi assumir a sua vocação de ser um elo entre a comunidade escolar e a sociedade. Mais do que isso, o jornal *Nossa Voz* ocupou o lugar de alento, conforto e diálogo entre as pessoas isoladas, longe de suas atividades. Para que o projeto fosse capaz de assumir esse papel, foi necessário se inserir plenamente nos meios digitais. Por isso, faz-se pertinente discorrer sobre a inserção deste projeto nos meios digitais como forma de minimizar os efeitos causados por tal isolamento, considerando alguns pressupostos teóricos que norteiam a prática aqui relatada, a metodologia em desenvolvimento e o diálogo com o ensino e com a pesquisa.

Pressupostos teóricos: o trabalho com gêneros textuais

Assume-se neste trabalho que a linguagem “é um lugar de interação humana”¹ de modo que a língua não é só instrumento de transmissão de informações, nem os textos para jornais escolares são apenas informativos, no sentido estrito de apresentar dados sobre um fato ou um tema de forma referencial. Mesmo que assim pareça, na verdade, os textos, instâncias de materialização da língua, são espaços ocupados por sujeitos que revelam suas intencionalidades e atualizam na enunciação a sua atuação no mundo, trazendo para o discurso valores, ideias e perspectivas pessoais.

A visão dicotômica, estratégia de análise científica da língua inaugurada por Saussure, fez supor, aos estudiosos da linguagem que o sucederam, que seria possível compreender a língua esvaziada de seus aspectos sociais, a partir de sua estrutura, decompondo-a em

* Cabe aqui salientar que o projeto de extensão não possui como um dos seus objetivos dar uma formação profissionalizante aos participantes do projeto, ou seja, não desenvolvemos atividades que visem formar profissionais da área de Comunicação. Trata-se de um projeto de extensão que tem no jornal um suporte para gêneros textuais variados que potencializam a interdisciplinaridade (dialoga com vários campos do conhecimento) e que possibilita desenvolver práticas de leitura e de produções textuais verbais e não verbais, tendo no ensino de língua materna seu eixo de atividades.

partes. Esse caminho foi muito promissor na primeira metade do século XX, pois ajudou a reconhecer e descrever algumas propriedades da língua consideradas individuais. No entanto, reconhece-se que esse dado particular não está isolado da coletividade, nem é possível compreender a língua sem considerar sua totalidade. O indivíduo não faz uso apenas de estruturas, pois não se trata unicamente de um fenômeno abstrato, ele precisa de recursos textuais e contextuais que articulem conteúdo temático, estilo e construção composicional, isto é, uma organização típica que lhe permita interagir na comunidade e alcançar objetivos comunicativos. Assim, “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”². Um refinamento dessa percepção é a proposta de Marcuschi para se compreender o “gênero”:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas³

Vale ressaltar que o texto se estabiliza em muitas formas sociais de interação. No caso dos textos do campo jornalístico, por exemplo, há notícias, entrevistas, charges, editoriais, artigos de opinião, crônicas, cartas de leitor e tantos outros gêneros que emergem das práticas digitais. Como observa Marcuschi, a essas estabilizações dá-se o nome de gêneros textuais, que “se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo, constituindo-o de algum modo”⁴. A sua estabilidade formal e funcional é condição decisiva para o reconhecimento de sua ação no mundo.

Hoje é consenso entre os educadores que uma criança, quando inicia o processo de escolarização, já conhece algumas variedades de sua língua materna, através da modalidade falada, cabendo à escola apresentar outras variedades e outras modalidades, sobretudo, com certa ênfase à modalidade escrita, por desempenhar um papel decisivo na construção de significados até mesmo em ambientes virtuais. “É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos”⁵, sendo um espaço de sistematização de recursos comunicativos em todos os espaços de interação. Dessa forma,

a escola, em 4, 5 ou mais anos, terá levado os indivíduos não só à aquisição da ‘tecnologia’ do ler e do escrever, mas também aos usos e práticas sociais da leitura e da escrita, a uma adequada imersão no mundo da escrita⁶

A escola cumpre esse papel ao apresentar uma série de gêneros orais e escritos, bem como os seus recursos. Contudo, haverá outros gêneros que não farão parte do repertório ensinado em sala de aula. Apesar disso, o processo de letramento com sucesso garante aos indivíduos a autonomia necessária para continuar aprendendo e interagindo em seu cotidiano.

Considerando letramento como “resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”⁶, deve-se reconhecer que não se trata de uma atividade exclusiva da escola. Por esse caminho, Marcuschi afirma que “Letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contexto informais e para usos utilitários”⁷. O trabalho extensionista com o jornal deve compreender muito bem os movimentos do letramento para a sala de aula e para fora da sala de aula, colocando-se como um elo nessa integração.

Nessa perspectiva, um indivíduo letrado é aquele que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita. Para além da habilidade de ler e escrever, deve ser “capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de

múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens, incorporando múltiplas fontes de linguagem”⁸. Portanto, o trabalho com textos jornalísticos não é um processo mecânico de escrita e não pode se ater simplesmente a atividades repetitivas de escrita. Ele deve valorizar as situações reais de comunicação e as diversas formas de participação em tais eventos e saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente⁶.

Uma dessas exigências são os ambientes digitais. Sobre esse assunto, Dudeney, Hockly e Pegrum⁹ dão o seguinte testemunho:

Para nosso ensino de língua permanecer relevante, nossas aulas têm de abarcar ampla gama de letramentos, que vão bastante além do letramento impresso tradicional. Ensinar língua exclusivamente através do letramento impresso é, nos dias atuais, fraudar nossos estudantes no seu presente e em suas necessidades futuras.

Por essa observação, percebe-se o surgimento de novos canais de comunicação em que a língua passa a atuar, exigindo de tal forma um trabalho de letramento para além do impresso. É importante destacar desse testemunho que os autores consideram o termo no plural, ou seja, são letramentos digitais, considerados habilidades “necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital”⁹. As consequências desses letramentos são leituras menos lineares conduzidas por *hiperlinks* e a educação por meio de redes baseadas na inteligência coletiva.

Justifica-se a incorporação de tecnologias digitais no ensino, pois é uma forma de preparar o aluno para a vida social, o emprego e a cidadania em um mundo digitalmente conectado fora da sala de aula⁹. Ao longo do século XX, os jovens já faziam o movimento de apropriação das práticas de escrita de seu tempo. Complementavam, por exemplo, seus estudos regulares em cursos de datilografia, como uma forma de se integrar às experiências com o texto impresso. Entre o final do século XX e início do XXI, esses cursos, na busca por superar o “analfabetismo digital”, passaram a ensinar “informática”, que consistia em aplicar os comandos dos sistemas operacionais, não necessariamente conectados à *internet*. Hoje não basta superar o “analfabetismo digital”, é preciso saber usar as habilidades em situações reais de comunicação, produzindo ou lendo textos multimodais, ou seja, gêneros constituídos na diversidade de linguagens, como fala, escrita, imagens, som, gestos etc.¹⁰ A multimodalidade é um traço constitutivo do discurso oral e escrito. Por isso, Dionísio⁸ também reforça a compreensão de que necessitamos falar de letramento no plural.

O mosaico criado nas páginas de um jornal exemplifica a realidade multimodal dos gêneros. Nesse domínio, a diversidade de linguagem presente na constituição de cada texto é intencionalmente pensada, considerando a habilidade de seus leitores para a apropriação dos sentidos. “Em materiais impressos, como revistas, jornais e anúncios, a programação visual muitas vezes define como os espectadores interpretam o verbal, e vice-versa”¹⁰. Essa percepção destaca o papel decisivo do trabalho com o jornal em sala de aula, como possibilidade de múltiplos letramentos.

O uso de jornal em práticas pedagógicas

A bibliografia sobre a relação entre jornal e ensino tem destacado que a atividade com os jornais é uma forma de superar a mentalidade acerca da supremacia dos textos clássicos da literatura no ensino¹¹. Vale mencionar que tanto os textos literários quanto os textos

jornalísticos pertencem ao grupo de gêneros que Bakhtin² chamou de “secundários”, isto é, “aparecem em circunstâncias de comunicação cultural, mais complexa”. No entanto, em comparação com os textos literários, as práticas dos jornais se aproximariam muito mais dos gêneros primários – próprios da comunicação verbal espontânea. Nessa perspectiva, Herr¹² considera, para a realidade francesa, o jornal como uma estratégia pedagógica mais próxima das experiências do aluno para a reflexão da sociedade. Por esse caminho, Faria¹³ já afirmava que o jornal é formador do cidadão no desenvolvimento do senso crítico, uma vez que aperfeiçoa a habilidade de reconhecer pontos de vista, distinguir fatos e opiniões etc. Por isso, a autora defende que o jornal é uma “ponte entre os conteúdos teóricos dos programas escolares e a realidade”¹³.

Outro tema explorado refere-se à capacidade de superar a artificialidade do ensino de gêneros textuais, que pressupõe uma real situação de comunicação. Mesmo que as atividades sejam geralmente focadas na produção de texto, o ambiente de sala de aula dificilmente consegue efetivar reais situações de interação em que os diversos gêneros sejam exigidos, ora sem a existência de interlocutores reais, ora limitadas exclusivamente à leitura do professor. A produção textual torna-se apenas uma “simulação” da realidade. É justamente na superação dessas restrições encontradas em sala de aula acerca da produção textual que este projeto se torna pertinente. Nessa proposta, o jornal é o veículo catalisador de textos em seu funcionamento e em seu contexto de produção/leitura¹⁴.

A Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental (BNCC)¹⁵ já incorpora os gêneros jornalísticos como essencial para a aprendizagem, ao assumir uma perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem. Isso fica visível na quantidade de habilidades propostas para o segundo segmento do Ensino Fundamental associadas ao campo jornalístico-midiático. Das habilidades estabelecidas para todos os anos do segundo segmento, 34% são do campo jornalístico-midiático. As demais habilidades distribuem-se entre os campos de prática de estudo e pesquisa (27%), artístico-literário (20%), atuação na vida pública (16%) e todos os campos (3%) – geralmente tópicos gramaticais relacionados aos outros campos. Essa simples análise aponta para a relevância dada pelo documento oficial aos textos do cotidiano, sobretudo, àqueles vinculados às mídias.

Com a apropriação dessas habilidades, o cidadão em formação pode participar mais efetivamente das diversas práticas sociais. Por isso, são necessárias práticas docentes que incorporem e sistematizem essas habilidades. Contudo, uma distribuição de habilidades por ano de escolaridade aponta um desafio a ser enfrentado pelo docente. As habilidades específicas do sexto ano, por exemplo, concentram-se entre “todos os campos” (83%) e “jornalístico-midiático” (17%). Esse exemplo demonstra a necessidade de se pensar: (1) em atividades que mobilizem o aluno a incorporar a seu repertório as diversas habilidades do campo jornalístico e midiático; (2) a reconhecer, de forma sistemática, os conhecimentos gramaticais como recursos para compreensão e produção de textos jornalísticos; e (3) viabilizar o acesso do aluno, a partir do jornal, a gêneros de outros campos, em caráter transdisciplinar, reconhecendo, principalmente, a relevância do campo artístico-literário, uma vez que a escola tem papel crucial na formação cultural do aluno.

Dessa forma, por meio de gêneros jornalísticos em situações reais de interação, pretende-se contribuir para a autonomia do participante no processo de aprendizado, para a compreensão do ambiente social em que se insere e para desenvolver atitudes e valores, promotores da “solidariedade humana”¹⁶.

Metodologia do projeto de extensão: mudança no trabalho com as mídias sociais

Como mencionado na introdução, a ação desse projeto baseava-se essencialmente em atividades presenciais para a produção de jornal escolar. Semanalmente, alunos, professores e afins reuniam-se nas dependências do CAP-Uerj para ler textos publicados em jornais e construir um jornal escolar de forma colaborativa (reproduzindo um expediente jornalístico) e democrática (respeitando as ideias e interesses dos participantes). O produto dessas atividades era a publicação de um jornal impresso chamado *Nossa Voz*. Esse nome enfatiza a pertença à voz coletiva do Colégio, assim como o papel que podem exercer, ao se colocarem como a voz da comunidade escolar, sobretudo dos alunos que desejam ser ouvidos e respeitados.

Dessa forma, o projeto tem contribuído para a formação do estudante, inserindo-o no domínio jornalístico e desenvolvendo suas habilidades discursivas. A reflexão sobre os gêneros/seções que compõem os jornais de grande circulação, tendo em vista a organização desses textos e suas funcionalidades, é sempre o primeiro esforço para familiarizar o participante com a linguagem jornalística. A consciência de que um texto possui finalidade faz parte desse trabalho de formação da identidade do jornal, pois não se realiza meramente transposição de formas, mas instâncias de participação social. Isso também ficou evidente nas discussões para o estabelecimento das seções. Essas seções deveriam favorecer o objetivo do jornal, dar voz ao estudante, sendo, ao mesmo tempo, de interesse de seu público-alvo, a comunidade escolar. O estabelecimento da rotina de um jornal (seleção de tema, divisão de tarefa, redação, revisão, editoração, publicação e divulgação) cria a oportunidade de o participante conviver com o texto e refletir sobre sua produção para o conjunto do jornal. Após o estabelecimento da pauta de cada edição, os participantes são apresentados à rotina da reportagem: pesquisa, entrevista ou apuração e redação do texto.

Considerando a faixa etária atendida de muitos participantes (de 11 a 13 anos), fase em que se constata ainda a oscilação quanto ao domínio de estratégias discursivas, observa-se em muitos participantes a falta de autonomia para a composição do texto. A estratégia tem sido reconhecer o perfil de cada grupo, bem como seus interesses e habilidades. A partir daí, são incentivados a descobrir novas habilidades. As atividades de campo dinamizam esse processo, pois veem concretamente a funcionalidade dos textos que produzem. O exercício da investigação das fontes e da prática da pesquisa tem feito com que os participantes se aproximem dos diversos agentes escolares (diretoras, administrador, bibliotecários, professores, representantes estudantis), para apurar alguma notícia, para cobrar alguma promessa ou para pedir esclarecimento sobre determinado assunto. A primeira atividade nessa perspectiva foi uma pesquisa de opinião na escola (nos diversos segmentos) para identificar os itens que são de interesse da comunidade escolar. Afinados pela opinião dos leitores em potencial, já desenvolveram temas sobre a organização escolar, como patrimônio escolar, construções, grêmio estudantil, falta de professores, horário especial e acervo da biblioteca; temas de relevância social, como, *bullying*, depressão e direitos humanos; temas culturais e de entretenimento, como, resenhas de filmes e livros, tirinhas, charges e palavras cruzadas; e ainda temas de relevância acadêmica, como, Feira de Ciências, Festa Junina, OBMEP, Olimpíadas do CAP.

A etapa seguinte é a leitura em grupo. Nesse momento, para além da revisão estritamente gramatical, em que se aplicam os conhecimentos sistematizados em suas aulas regulares, verifica-se o atendimento ao tema, a informatividade e a clareza do texto. Desenvolve-se a consciência de que o texto não é feito apenas para o professor, de que o uso da linguagem verbal é parte da vida social, de que não basta apresentar uma entrevista, por exemplo, ela é o registro de ações e expectativas da comunidade e, portanto, é necessário contextualizá-la para o leitor.

Mesmo priorizando o trabalho com o jornal impresso, pelas possibilidades relatadas na seção anterior, já havia no projeto a compreensão quanto à relevância da *internet* e das mídias sociais para a circulação de textos, consoante a ideia de que “há novas formas de interação entre o leitor e o texto, resultantes da estreita relação entre o discurso e as inovações tecnológicas”⁸.

A partir da percepção sobre as novas possibilidades de trabalho com as mídias sociais, o jornal também passou a ocupar espaços virtuais, inserindo-se nesse espaço através de um *blog* e um *site*. Para se aproximar ainda mais de seu público, procurou estar presente nas redes sociais, com uma página no *Facebook*. Tais inserções iniciaram a adaptação do projeto aos meios digitais, o que facilitou a acessibilidade do jornal à comunidade escolar. Contudo, os jornais ainda continuaram a ser impressos e distribuídos gratuitamente na escola, em pequena tiragem, pois, a partir do uso de mídias sociais, como o *blog* e o *Facebook*, tornou-se desnecessária a impressão em grande quantidade, salvo em situações de divulgação ou pedido por parte do leitor. Se por um lado, a implementação do jornal em meio virtual diminui os custos e teoricamente tornou-se mais acessível, por outro lado, tornou-se objeto de reflexão a maneira de divulgar seu acesso. Para atender a essa necessidade, fez-se divulgação em cartazes nos murais das salas de aula. Nesses cartazes, foram impressos QR-Codes, direcionando o leitor ao *blog* e ao *Facebook* do jornal, onde estão os textos dos participantes. Assim, toda comunidade escolar pode acessar os conteúdos do jornal. No entanto, o movimento de produção ainda era pensado para o impresso. Só depois de cumprir a circulação no impresso que alguns textos passavam a figurar nas mídias sociais. Dessa forma, os ambientes virtuais exerciam mais a função de apresentação do projeto e de repositório dos principais textos do que exatamente a de um veículo de comunicação escolar.

A demanda que impulsionou a inversão dessa circulação foi a necessidade de atuar na comunidade escolar e para além da comunidade, em um contexto de isolamento social causado pela pandemia do COVID-19. Em 2020, não havia mais a possibilidade de atividades presenciais, tão pouco de circulação de jornal impresso. Mas havia a necessidade de circulação de informação e de saberes, de diálogo e de convívio num momento em que as pessoas se viam na mais cruel solidão e no mais aterrador medo das consequências de uma doença que pouco se conhecia. A solução encontrada para dar conta dessa demanda era ajustar a metodologia do projeto a fim de que a ordem de produção e a circulação de textos realmente alcançassem as pessoas. Assim, a produção do jornal passou a ser pensada para as mídias sociais e, só depois, para a sua versão digital em PDF, substituindo a versão impressa.

Essa adaptação tem movimentado a rotina do jornal, pois uma notícia que era descartada do jornal impresso, em função da distância temporal entre o evento e as edições (bimensais), passou a ser publicada rapidamente, tornando o jornal em PDF o espaço de seleção das principais matérias divulgadas nas outras mídias. Isso criou a necessidade de se adotar critérios para a seleção de textos para diferentes mídias, a saber: durabilidade da

informação (conteúdo ainda válido no decurso de um mês); relevância temática; impacto entre os leitores (considerando o número de acessos), prioridade de autoria (primeiro, textos de alunos, depois, dos professores que conduzem o Projeto); e diálogo entre textos (relação temática). Das publicações diárias nas redes sociais, selecionam-se textos que vão compor a versão mensal em PDF do jornal escolar, outra novidade, mais econômica e com menor impacto no meio ambiente. Com isso, percebeu-se que alguns elementos não são muito aproveitáveis para o suporte físico, tais como o uso de despedidas e saudações, *hashtags*, *links* e hipertextos. Os *links*, por exemplo, perdem relevância na transposição. Optou-se por manter, neste caso, a tecnologia do QR-Code que possibilita a interação de conteúdo entre o digital e o físico.

Oportunamente o jornal passou a contar com um novo *site* (<http://www.leden.uerj.br/jornal/>). Em novo endereço e sob o domínio da UERJ, esse *site* é fruto da nova parceria com o projeto “Linguagens, Transdisciplinaridade, Tecnologia e Ensino”, sediado no Laboratório de Ensino LEDEN (CAp-Uerj). Esse grupo de pesquisa, desde 2004, busca mapear e socializar ações que utilizam a linguagem e a tecnologia como instrumentos de ações pedagógicas inovadoras.

Quanto às redes sociais, a primeira ação foi reforçar os laços entre os participantes através de grupo de WhatsApp, onde os envolvidos compartilhavam textos e mantinham o diálogo num momento de extrema instabilidade emocional para todos. Criou-se então um grupo entre os membros do projeto para a articulação das ações e um grupo com todos os participantes, mantendo vivo o diálogo e o expediente do jornal. Imediatamente, compreendeu-se que essa mesma rede de acolhida deveria ser ampliada para a comunidade. Dessa compreensão, resultou a intensificação na participação nas redes sociais e na criação de outros espaços virtuais, como *Instagram* e *YouTube*. Esses novos espaços de interação impulsionaram o Projeto a realizar produções multimodais, em que se utilizaram recursos audiovisuais, como as leituras de textos literários, como se observa na série *Conversa Literária* (disponível no *site* do jornal *Nossa Voz*) e entrevistas, como a conversa com o Professor Luiz Ricardo Leitão sobre o ensino de Língua Portuguesa através dos jornais, disponível no canal do Projeto no *YouTube*. Assim, mesmo num momento em que a instituição se encontrava com atividades suspensas, desde abril de 2020, o jornal escolar *Nossa Voz* passou a realizar publicações diárias em suas mídias sociais, em todos os dias da semana, inclusive nos feriados, mobilizando a comunidade escolar.

Logo que a Universidade propôs a Mediação Tecnológica como forma de atuação durante a pandemia, o Projeto disponibilizou um curso no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), como uma ação extensionista, sem se caracterizar como aula convencional e, mesmo assim, capaz de investir na formação de seus participantes. Nesse curso, foram oferecidas 22 oficinas sobre leitura e produção de textos relacionados ao jornal. Foi uma experiência voltada à comunidade do CAp-Uerj, adaptada para atender ao Ensino Fundamental (I e II) e ao Ensino Médio.

De forma indutiva e com auxílio das ferramentas do AVA, os participantes realizam primeiramente a leitura crítica de diversos textos do universo jornalístico e, em seguida, refletem sobre sua organização. Assim, encontram condições de desenvolver o senso crítico e produzir textos que dialoguem com questões de seu cotidiano, para publicação no jornal escolar *Nossa Voz*.

Cada oficina produzida conduz o participante ao aprofundamento nos seus conhecimentos sobre um determinado gênero, desde textos do domínio jornalístico, como notícia, entrevista, reportagem, artigo de opinião e charge até textos, não necessariamente desse domínio, mas associado a ele em função do interesse do público leitor do jornal, como, conto, ilustração, resenha, poema e curiosidades. Vale destacar que a atuação no AVA procurou atingir todos os segmentos do Ensino Básico, apresentando propostas adaptadas à cada faixa etária, durante o período de mediação tecnológica.

Estabelecido o Período de Atendimento Emergencial 1 (PAE 1) da UERJ, o Projeto transpôs o curso para a nova plataforma do AVA (<https://avacap.pr1.uerj.br/>) e passou a oferecer oficinas síncronas do jornal para alunos do Colégio. De forma dinâmica, procurou-se nesses encontros investir na leitura crítica de assuntos da atualidade em textos jornalísticos, no reconhecimento dos recursos dos gêneros jornalísticos e no restabelecimento do expediente jornalístico para sua produção.

Pensando em professores de outras redes de ensino que enfrentam as dificuldades para a construção de material para as aulas remotas, as oficinas assíncronas do AVA foram roteirizadas e disponibilizadas no Portal eduCAPES. Assim, é possível acessar o material mesmo sem ter acesso ao AVA. Por fim, cabe dizer que o Projeto está trabalhando para disponibilizar, muito brevemente, no *site* do LEDEN, as contribuições metodológicas, ou seja, artigos e materiais pedagógicos que sistematizam a reflexão do Projeto.

Apesar de reconhecer todo avanço metodológico, há muitos desafios para se alcançar os letramentos digitais, e, conseqüentemente, a participação social. É necessário superar os problemas sobre disposição de equipamentos (*notebooks* ou *tablet*) e acesso à *internet*. Ainda que a instituição garanta tais ferramentas, em muitos lares ainda se verifica uma necessidade essencial para vida, a insegurança alimentar. Superando todos esses entraves, o indivíduo precisará muito mais do que intuição para atuar nessas mídias sociais. Será indispensável desenvolver certo conhecimento para manusear de forma mais efetiva as diversas mídias, reconhecendo suas vantagens, seus recursos, suas finalidades e suas limitações. Para atender pelo menos esse desafio, é fundamental desenvolver pesquisa, procurando subsidiar a metodologia.

Resultados: integração entre ensino, extensão e pesquisa

Como enfatizado anteriormente, o projeto surge para atender a algumas demandas da experiência em sala de aula com os textos, em que o espaço de uma disciplina não é o suficiente para o trabalho de letramento. Procurou-se destacar as ações extensionistas que integram o participante a diversas práticas e as alterações metodológicas para atender às necessidades da comunidade escolar, sobretudo, em contexto de isolamento social. Além disso, há um esforço de realizar ações permeadas por reflexões teóricas, o que torna as práticas verdadeiramente autênticas. Todos esses pontos acenam para o movimento essencial entre o ensino e a extensão. No entanto, outro movimento se observa nas ações do projeto: da extensão para a pesquisa.

O Projeto tem mobilizado a participação de estudantes universitários, envolvidos na reflexão e na implementação de ações acerca do uso do jornal, seja por meio de bolsa, seja por meio de voluntariado. Isso tem criado entre os participantes uma rede de leitura sobre a

relação entre ensino e jornal, que procura reconhecer, nos postulados de Bakhtin, referenciais para práticas historicamente constituídas. O resultado foi a criação de um projeto de pesquisa intitulado “Os Gêneros Jornalísticos em Práticas Pedagógicas” que objetiva mapear práticas docentes com o uso de jornal em sala de aula, desenvolver novas práticas e subsidiar ações efetivas no ensino e na extensão.

O ponto de partida é a própria unidade escolar (CAp-Uerj), que, desde 1957, procura agregar ao ensino perspectivas inovadoras. Ao reconstruir o itinerário dessas práticas, sob o recorte do ensino de gêneros jornalísticos, reconhecendo as contribuições de muitos sujeitos, é possível atuar de forma consciente sobre a própria realidade, contextualizando e sistematizando diversas experiências docentes. Contudo, o que poderia ser um estudo documental, isto é, o resgate de planos de curso e materiais didáticos, em função da pandemia, tem sido um estudo de história oral, nos moldes apresentados por Meihy e Holanda¹⁷, quando afirma que história oral é “recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos”. Neste caso, procura-se documentar a partir de entrevistas as experiências docentes sobre o uso de textos jornalísticos em sala de aula. Por essa via, constrói-se um plano temático com questionário que permita de alguma forma reconhecer o referencial teórico dos entrevistados, o objeto de ensino de Língua Portuguesa e o trabalho com gêneros jornalísticos. A escuta de professores experientes do CAp-Uerj, por meio de entrevistas, tem sido de extrema importância para recuperar uma parte da história da disciplina na instituição e investir na formação de futuros docentes e pesquisadores. Os resultados preliminares apontam para práticas que viam os textos como objeto de estudo e lançavam mão de diversos expedientes criativos para o trabalho com o jornal em sala. Tudo isso muito antes dos documentos oficiais apontarem para a essencialidade desse assunto nas aulas de Língua Portuguesa e a formação docente inserir a Linguística Textual como conteúdo das aulas da graduação. Isso revela que esses professores foram percebendo durante as suas práticas a necessidade de incorporar novas perspectivas, diminuindo o espaço entre o que é ensinado e o que é vivenciado pelo aluno em termos de linguagem.

Se por um lado é importante olhar para o passado e verificar o que já foi realizado; por outro lado, convém observar as demandas do presente e as perspectivas do futuro, uma vez que ensinar sobre um determinado gênero jornalístico hoje em dia apontando apenas as características dos antigos manuais pode se constituir uma experiência artificial. Inclusive, muitas vezes se fala sobre tais gêneros no impresso, mas usando exemplos do meio virtual/digital. É preciso, portanto, compreender como esses gêneros se inserem nesses canais digitais e quais são os recursos e propriedades que os novos leitores terão que reconhecer e usar conscientemente. Por isso, o outro braço do projeto debruça-se para reconhecer os recursos próprios das linguagens utilizadas nos canais digitais, bem como as estratégias de adaptação dos textos jornalísticos para o ambiente virtual. Essa compreensão conduziu a pesquisa até os jornais de grande circulação para observar a influência que esses meios virtuais já exercem sobre a leitura de impressos. A referência a endereços eletrônicos, como *e-mail*, *blog* e rede social presentes ao lado dos articulistas do jornal apontam para interações mais intensas com leitores e até mesmo dão pistas para a possibilidade do hipertexto, ou seja, a possibilidade de o leitor escolher os caminhos de sua leitura, para além das páginas do impresso. Isso ganha contornos relevantes, por exemplo, quando o jornal O Globo passa a oferecer aos seus leitores do impresso QR-Codes com títulos relacionados às páginas a

que estão vinculadas, mas não desenvolvidos no espaço impresso. Essa estratégia conduz o leitor interessado no tema de determinada página a explorar outras mídias e desvendar novos caminhos de significação. Essa experiência expressa claramente que ler um impresso hoje em dia também suscita a participação nos meios virtuais.

As duas frentes de pesquisa completam o movimento envolvendo “ensino” e “extensão”. Dessa forma, é possível investigar sobre a relevância sócio-histórica da leitura do jornal, refletir sobre os conteúdos linguísticos e as habilidades discursivas relacionadas ao domínio jornalístico e reconhecer as estratégias de adaptação de textos jornalísticos para o ambiente virtual. Deve-se ressaltar que esse movimento não é unidirecional. Pelo contrário, a intenção é subsidiar, através da extensão e da pesquisa, um ensino produtivo.

Vale dizer que existe a possibilidade de articular ensino, extensão e pesquisa em várias direções. Um experimento com o gênero entrevista pode ilustrar essa afirmação. A proposta surge como reflexão da devolutiva dos participantes da extensão refere à oficina sobre entrevista, disponibilizada no Ambiente Virtual de Aprendizagem no período de isolamento social. Observou-se nos textos produzidos uma certa regularidade na organização do texto (apresentação, sequência de perguntas e respostas orientadas por um tema e um fechamento). Esses e outros exemplos colhidos dos jornais de grande circulação foram levados para a sala de aula com o objetivo de fazer com que o aluno também fosse capaz de reconhecer a mesma organização, identificar a temática de cada entrevista e propor um texto com mesmo objetivo.

Um dado a ser mencionado sobre a produção textual é a importância de se produzir textos reais, ou seja, textos que não estejam limitados à leitura do professor, que cumpram seus objetivos comunicativos, que contribuam de alguma forma para a comunidade escolar, que promovam a democratização do conhecimento. Dessa forma, um fato do cotidiano escolar serviu de base para a construção do roteiro da entrevista: a mudança para a nova sede do colégio. Em 2020, o CAp-Uerj conseguiu adquirir um novo espaço capaz de atender às demandas docentes e discentes. No entanto, esse evento ocorreu durante a pandemia. Os alunos expressavam muito interesse e pouca informação sobre a novidade. Dessa situação, surgiu a proposta de entrevistar o diretor da instituição para tratar das circunstâncias da compra da nova sede e das condições para a mudança e utilização do espaço novo.

Feita a proposta nas aulas síncronas do sétimo ano do Fundamental II por videoconferência, coube aos alunos a tarefa de elaborar as perguntas, que foram colocadas no bate-papo da videoconferência. Essas perguntas foram recolhidas e encaminhadas à oficina da extensão, que organizou as perguntas e as encaminhou ao diretor da unidade. Vale ressaltar que, na ausência de projetos de extensão, essa etapa também pode ser desenvolvida em sala de aula.

Gentilmente, o diretor respondeu a todas as questões por escrito. A etapa seguinte foi revisar e editar a entrevista, incluindo introdução e conclusão. Na sequência, o texto foi publicado nas mídias sociais do jornal. A repercussão foi instantânea. Em pouco mais de 1 dia, mais de 1600 pessoas já tinham acessado o conteúdo do jornal, demonstrando, dessa forma, como o tema era relevante para o público-alvo e como o texto cumpriu seu papel comunicativo. Ainda foi relevante levar o texto publicado para sala de aula, para que pudessem perceber a repercussão do texto feito coletivamente, reconhecer as etapas de produção e o texto finalizado. Por fim, a experiência serviu à pesquisa, uma vez que desenvolveu práticas que valorizam a produção escrita e a leitura de forma contextualizada.

Considerações finais

É vocação deste projeto de extensão divulgar conteúdos relativos a ensino, Língua Portuguesa, Literatura, Artes e Cultura. A ação do Projeto impacta na formação do integrante, fortalecendo a sua participação nas diversas instâncias de interação de sua comunidade. Deve-se ressaltar a autonomia gerada com apropriação dos textos, que o faz agente formador e multiplicador de conhecimento e de opinião, ou seja, leitor crítico e, por consequência, um redator atuante.

A maior parte das experiências aqui apresentadas refere-se à atuação do projeto de extensão *Jornal na Escola* durante o isolamento social e pretendem ilustrar o posicionamento teórico e a construção metodológica, sempre tomando como baliza um questionamento: como ser útil à comunidade escolar nesse contexto de pandemia? A resposta tem sido construída à medida que as ações procuram se integrar aos interesses dessa comunidade. Dessa forma, vislumbra-se na conjugação de interesses e saberes, a possibilidade de desenvolvimento de habilidades discursivas e de integração entre escola e sociedade, uma vez que se apoia em estratégias de leitura, produção e divulgação de textos.

O que tem mudado é a atuação do Projeto na produção de jornal em espaços virtuais, motivado pela drástica situação de isolamento social no ano 2020, fato que suscitou o estudo sobre mídias e alterou a metodologia. Por esse caminho, observa-se que as mídias sociais são ferramentas oportunas para ampliar o alcance da ação extensionista. Assim, o usuário/internauta é inserido, por múltiplas perspectivas e preferências, em temas do cotidiano, que expressam criativamente uma visão particular do mundo.

Por fim, convém dizer que os leitores não são apenas os da comunidade escolar. Qualquer pessoa tem acesso às reflexões produzidas no Projeto. Vislumbra-se nessa possibilidade a democratização do conhecimento pesquisado e produzido pelo grupo. Outro aspecto importante: os leitores não são personagens passivos do processo. Pelo contrário, eles podem e costumam interagir, principalmente com comentários. Assim, a ação transforma o participante e o usuário à medida que fortalece entre eles a interação, tendo em vista a inserção nas práticas discursivas em sintonia com a diversidade temática.

Referências Bibliográficas

1. GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e Ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012. p. 39-46.
2. BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
3. MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
4. MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.
5. BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

6. SOARES, Magda. Letramento em verbete: O que é letramento? **Presença Pedagógica**, [S. l.], v.2, n.10, jul./ago. Seção Dicionário Crítico da Educação, 1996.
7. MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2007.
8. DIONISIO, Angela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S (Org.). **Gêneros textuais**: Reflexões e Ensino. 3. ed. Rio de Janeiro, 2008, p. 119-132.
9. DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
10. BARTON, David; LEE, Carmen. Linguagem online: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
11. FARIA, Maria Alice. O jornal na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1996.
12. HERR, Nicole. **Aprendendo a ler com o jornal**. Belo Horizonte: Dimensão, 2001.
13. FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.
14. SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J (Org.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 21-39.
15. BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
16. BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
17. MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Editora Contexto, 2020.